

A SOLIDÃO SUPOSTA OU IMPOSTA

- A solidão da cidade.
- No casamento e na família.
- A solidão dos jovens.
- A solidão no ministério.
- A solidão no sofrimento e na doença
- A solidão na velhice.
- A solidão dos refugiados e emigrantes
- A solidão e regimes opressores
- A solidão da morte

1. O homem na grande cidade

A vida nas grandes cidades contemporâneas está cada vez mais marcada pelo anonimato. Embora mergulhados permanentemente na multidão, muitos homens vivem num ambiente de ignorância recíproca. Embora se cruzem a cada passo, nas ruas e nos meios de transporte, nas empresas e nos escritórios, nas escolas e nas repartições, não lhes é possível encontrarem-se, nem se conhecerem.

As nossas cidades são, com frequência, grandes desertos, onde algum oásis, ainda que muito procurado, dificilmente se encontra. Nesta época onde impera o pluralismo e o relativismo, as situações mais chocantes, do ponto de vista social ou moral, são muitas vezes olhadas com perfeita indiferença, ou com o sentimento angustiado de quem nada pode fazer. A verdade é que quase tudo passa despercebido. Os homens, no ritmo agitado e febril em que vivem cada dia, como podem tomar consciência dos seus dramas ou ouvir os seus apelos? E assim os que estão sós, ficam ainda mais sós e, os que precisavam de ajuda, ainda mais desamparados.

O sistema habitacional, por sua vez, acentua o sentido do isolamento. Há bairros imensos, urbanizações extensas que não passam de esqualidos dormitórios. O isolamento acentua-se a causa das distâncias a percorrer entre a casa e o local de trabalho. Muitos, todos os dias, passam longas horas nos transportes, e pouco tempo lhes sobra, no regresso, para se encontrarem com os familiares. Os grandes edifícios,

mais que aproximar, separam, e ao mesmo tempo justapõem as famílias e os indivíduos, numa vizinhança física por vezes excessiva, que não corresponde, porém, ao conhecimento pessoal. São imensos caixotes de aço e betão onde se vive em paralelo, num clima não só de desconhecimento, mas também de desinteresse. Não é raro que os habitantes dum mesmo prédio passem longos anos sem se conhecerem, sem se relacionarem, sem se prestarem nem receberem ajuda ou assistência, mesmo em situações dramáticas de doença ou de morte.

Tudo se conjuga, na cidade moderna, para impedir ao homem de entrar em si mesmo e de se abrir aos outros; todo o mecanismo da vida moderna está congeminado para produzir uma fuga de Deus e impelir o espírito para o deserto da neurose. Do que se necessita, pois, é de uma nova conceição do homem, que nesse deserto faça florescer uma presença; uma luz nova que o leve a se reconhecer como pessoas, superando o individualismo e o anonimato. (71-72)

2. Solidão, casamento e família

A situação da família no mundo de hoje aparece um conjunto de luzes e sombras. Há uma maior atenção para a qualidade das relações interpessoais no casamento, mas verifica-se também uma errada conceição da independência dos cônjuges entre si, que está na origem de um número sempre crescente de divórcios. E ainda quando não se atinge esta situação extrema, a estrutura familiar, sofre com frequência de instabilidade e desagregação. A família, que deveria ser lugar de encontro e de comunhão, tornou-se, infelizmente, lugar de conflitos destruidores. O resultado é um doloroso isolamento que, muitas vezes, acaba por desembocar na separação e no divórcio.

A queda vertiginosa dos valores morais enfraqueceu o vínculo matrimonial. A mentalidade predominante já não reconhece ao casamento as características de estabilidade e indissolubilidade. Na ausência de um fundamento absoluto, qualquer problema pode tornar-se insolúvel e o mais leve conflito pode degenerar na separação ou no divórcio.

Numerosos cônjuges não fazem referência nenhuma a um fundamento sobrenatural, que garante e consolide a comunhão; por isso não admira que se encerrem numa relação fundamentalmente egoísta, que na primeira ocasião é possível quebrar. E mesmo quando a rutura é evitada ou adiada por motivos de circunstâncias ou em atenção para com os

filhos, instaura-se uma situação de mera coexistência: vivem lado a lado, mas já não têm nada em comum. São duas pessoas isoladas que não se ajudam, nem colaboram para superarem mutuamente os problemas, apenas se suportam, cavando entre si um abismo, cada vez mais acentuado. No princípio não podiam viver um sem a outra, agora não podem viver juntos; um tempo desejavam a união, e agora só desejam a separação.

Digno de destaque é ainda o facto de que muitas crianças vivem com só um dos progenitores, em 50% dos casos com a mãe. Está em contínuo aumento o número das "uniões livres", recusando qualquer vínculo institucional, civil ou religioso, publicamente reconhecido. Mas, o que é mais dramático é o crescente número de gente que vive só, a maioria mulheres. Trata-se de divorciados, reduzidos à solidão pelo fracasso do seu anterior casamento e que não procuraram novos compromissos.

Acentua-se a desilusão e o ceticismo em relação ao matrimónio, aumenta o individualismo, a procura obsessiva do prazer e do bem-estar. A consequência é uma solidão ainda maior. (73-74)

3. Os jovens e a solidão.

É insólito falar de solidão a propósito dos jovens. Neles se refletem, e muito agudamente, todos os problemas da sociedade. Por isso, não é fácil compreender ou iluminar todas as facetas que caracterizam a solidão da juventude moderna.

A juventude está sedenta de verdade e justiça e representa um riquíssimo potencial humano, mas cada vez mais é ameaçado por obscuras realidades, entre as quais a perda preocupante dos valores morais.

Adolescentes e jovens em número crescente não recebem na família qualquer proposta de valores autênticos. As escolas, que deveriam promover uma formação integral da pessoa, são com frequência um palco de degradação moral e de violência. As paróquias, parece que perderam a capacidade de formar a juventude segundo os valores evangélicos. O resultado é um grande vazio espiritual e moral, terreno propício para todas as formas de degradação.

Os adolescentes que, por ação ou por omissão, não lhe foi comunicado o sentido da vida, andam à procura insaciável do prazer. Com a perda do sentido autêntico da liberdade e da responsabilidade, ou ainda, do

sentido da dignidade do trabalho e da possibilidade de o exercer, os jovens descobrir-se-ão como seres inúteis no meio de um mundo comandado pelo egoísmo e pela ambição.

Se não encontrarem na família um ambiente sadio para construir e estruturar a sua personalidade, inseguros, irão à procura de segurança em outros grupos. A ausência de comunicação dentro da família, provoca a fuga para o exterior, para as diversas formas de marginalidade, de criminalidade e para a droga. Em certos casos, para a hipertrofia de empenhamento político em organizações extremistas, que pode degenerar na violência e no terrorismo.

A droga é, sem dúvida, um fenómeno muito grave. Ele não se explica apenas por determinadas realidades socioculturais ou pela procura de compensações afetivas, mas também por situações de insegurança, de frustração, de angústia, pelo desejo de evasão, não último, pela ausência de valores e pela pressão social de grupos que recusam a cultura tradicional. As relações familiares conflituosas parecem estar à origem do recurso à droga, sobretudo em famílias desagregadas pela separação ou pelo divórcio.

O jovem, iniciando o consumo da droga, parece experimentar uma verdadeira solidariedade, uma prática de grupo, com as suas leis e os seus rituais, quase uma nova cultura, que supera o precedente isolamento. Mas, é só aparência porque esta prática isola tragicamente os toxicómanos de todos os outros homens. A fuga para um mundo irreal não diminui, antes acresce o peso da solidão.

A presença de um drogado numa família constitui um flagelo que a destrói, não só do ponto de vista afetivo, mas também do ponto de vista económico e social. Os pais assistem, sem nada poder fazer, aos pedidos de dinheiro, aos furtos, aos sintomas de abstinência, à violência, à interrupção dos estudos, à fuga de casa ...

A solidão, de ambas as partes, assume dimensões enormes. Na medida que aumenta a dependência da droga, a comunicação torna-se mais difícil, senão impossível. As curas médicas, inacessíveis à maior parte, só conseguem travar o processo de destruição total e adiar a morte. (74-78)

4. Solidão e ministério sacerdotal

A solidão sacerdotal é um problema complexo e normalmente mal compreendido. Com facilidade se confunde a solidão escolhida, eminentemente positiva, própria do celibato pelo Reino dos Céus, com o seu desvirtuamento, que é um isolamento espiritual e humano, de solidão meramente suportada, por vezes, com grande sofrimento e amargura.

É certo que o sacerdócio traz consigo uma determinada solidão ou, mais exatamente, uma peculiar distinção, no seio da Igreja e da humanidade, uma vez que o sacerdote é tirado de entre os homens e constituído a favor dos homens nas coisas que se referem a Deus, para oferecer dons e sacrifícios pelos pecados (Heb 5,1).

Os sacerdotes, em virtude da vocação divina e da ordenação, têm um lugar de destaque dentro o povo de Deus, mas não são de maneira nenhuma separados, pois são consagrados totalmente para servir o povo de Deus e realizar a obra para que Deus os chamou.

Esta escolha distingue-os no conjunto dos batizados, mas para aproximar-se deles a um novo título. Aqui fundamenta-se aquela que chamamos «solidão ontológica». Neste caso trata-se de uma distinção sobrenatural e sacramental, que deve ser vivida com humana naturalidade, com alegria e perfeito equilíbrio afetivo: não há razão para associar esta forma de solidão com as diversas formas de isolamento, de frustração ou de tristeza. Esta tonalidade negativa não exprime a verdade do celibato sacerdotal.

No celibato sacerdotal atua-se e exerce-se um grande mistério. Uma explicação meramente funcional é insuficiente. Está comprovado que qualquer tentativa de pastoral vocacional que oculte o primado da iniciativa divina (chamamento) e que não prepare o cristão para a acolher, não tem razão de existir. Pois o sacerdócio não é uma mera função, um simples ministério a par de muitos outros, mas sim uma vocação divina.

Os sacerdotes, em virtude do sacramento da Ordem, recebem um carácter particular que os configura a Cristo Sacerdote, de tal modo que possam agir "na pessoa de Cristo". O sacerdote vive entre os homens, mas como testemunha e dispensador da graça divina e testemunha duma vida diferente da terrena. Numa palavra, ele é "ministro de Cristo e administrador dos mistérios de Deus" (1Cor 4,1).

Ele é, e será sempre, sinal de contradição que testemunha a presença de Deus no mundo. E mais do que nunca hoje, no contexto de uma sociedade secularizada, caracterizada pelo eclipse progressivo do sagrado e pela eliminação sistemática dos valores religiosos. Neste ambiente, o sacerdote será sempre um estranho, parecerá de estar a mais e, nunca inteiramente compreendido. A sua vida e ministério serão para muitos, inevitavelmente um absurdo, uma loucura, uma aventura sem sentido. Será recebido algumas vezes com um sorriso benévolo, outras com desdém, outras ainda com acintoso desprezo. Ao seu redor nunca deixará de fazer sentir a barreira subtil da incompreensão e, com ela, uma irreduzível solidão, que não está nas mãos dos homens dissipar.

Todos os esforços para eliminar esta diferença, esta solidão, acaba por esvaziar a sua identidade e despojá-lo da novidade evangélica, pela qual foi constituído testemunha e administrador.

Acabamos de falar da solidão ontológica do sacerdote. Mas é preciso acrescentar a solidão social, que coexiste sem dificuldade na sua atividade pastoral, que de certo modo, ainda mais a acentua.

Mais, é preciso acrescentar uma outra forma de solidão intrínseca à sua missão específica, uma solidão de ordem puramente circunstancial, que pode destabilizar o seu equilíbrio espiritual. Ele recebeu uma missão universal que, porém, se realiza no pequeno espaço de uma paróquia.

Pode-se responder dizendo que ele, na relação pessoal com Cristo, encontra a sua identidade e o sentido definitivo da sua consagração. É uma resposta fundamentalmente verdadeira, mas também, incompleta. O isolamento humano do sacerdote não se pode considerar «normal». Ele deve procurar uma inserção efetiva num ambiente solidário e fraterno. As origens sobrenaturais do seu ministério não o obrigam a uma vida "heroica", encontrando exclusivamente em Deus a resposta para o seu isolamento humano. Também a convivência fraterna com os outros lhe é necessária. A sua humanidade não fica anulada, mas é simplesmente sublimada na relação íntima com Deus e no serviço desinteressado aos irmãos.

O sacerdócio é sinónimo de transcendência e não de isolamento humano. A renúncia ao matrimónio e à constituição duma família, isto é, o celibato sacerdotal, não implicam a renúncia a um ambiente fraterno à inserção positiva e equilibrada numa família de vínculos sobrenaturais.

Nas circunstâncias de hoje, são raros os casos de sacerdotes isolados. Há mais reuniões, mais atividades de grupo, mais estruturas de participação. Tudo isso ajuda. Mas, nem sempre traz consigo mais comunhão ou fraternidade. Infelizmente, é frequente a experiência deprimente, dissolvente, de jovens padres ardentes, cheios de zelo, mas abandonados a si mesmos, em ambientes descristianizados ou indiferentes. Além disso, hoje muitos sacerdotes se queixam que as relações entre o presbitério sejam normalmente ocasionais e superficiais. As próprias comunidades religiosas não são isentas: há encontros de trabalho, mas não intimidade. A vizinhança material nem sempre é sinónimo de mútua sinceridade e de encontro verdadeiro e fraterno. (79-83)

5. Solidão, sofrimento e doença

O sofrimento humano é uma das realidades existenciais mais difíceis a transmitir ou partilhar. O sofrimento, quando é profundo, encerra o homem em si próprio e acresce a sua solidão. Ninguém é capaz de comunicar plenamente o mistério do sofrimento, como ninguém tem a capacidade de penetrar no sofrimento dos outros. Humanamente falando, diante do sofrimento experimenta-se tragicamente a incapacidade de comunicar: as palavras não dizem, os sentimentos não vibram, qualquer conceito não atinge a realidade do sofrimento.

O livro de Job atesta dramaticamente esta dificuldade de partilhar o sofrimento. Os amigos de Job, apesar de sinceramente impressionados e cheios de compaixão, nada mais conseguem senão acentuar nele o desgosto e a decepção (cf. Job 16, 2-4; 12, 2; 6,15). A solidão de Job, por paradoxal que apareça, nunca se revela tão dramática e penosa como na companhia e na presença dos seus três amigos. Os raciocínios humanos, ainda que inspirados no tesouro mais autêntico da Revelação, não conseguem explicar o mistério do sofrimento. Por isso é que, os três amigos de Job não compreenderam. O mesmo Job, não compreende, só confia na Onnipotência divina e se humilha diante da Sua incompreensível justiça. Nesta passagem da revolta para confiança revela-se o mistério da Sabedoria divina, que dá sentido ao sofrimento e à morte.

Job era um homem sozinho, despejado dos seus bens, privado da sua honra, do seu bom nome e prestígio. Mas, o que mais o isolava era a doença. De facto, a solidão dum doente é terrível, inexplicável,

escandalosa. Ela tem diversas dimensões. Se a doença não é apenas uma incomodidade passageira, mas um estado de vida, chega a modificar profundamente a existência e o comportamento da pessoa. A doença diminui, por vezes drasticamente, a autonomia pessoal: o doente deve abandonar a sua atividade profissional e alterar drasticamente as suas relações com os outros. O seu universo torna-se pequeno: reduz-se à enfermaria, ao quatinho, ao sector do hospital onde se encontra, ou então, se ficar em casa, às quatro paredes do quarto e da sala, à cama, ao corredor, a um curto passeio na rua ou no jardim, e pouco mais. A única janela aberta para o exterior é a rádio, a televisão, mas o mundo continua lá fora, alheado, indiferente, tão frenético e agitado como sempre. Também os projetos anteriormente acalentados, por vezes bem definidos e tão seguros, revelam-se, agora, inconsistentes. Tudo se concentra no instante que passa, na fragilidade do presente e talvez na esperança do amanhã.

O doente está só porque lhe fogem o mundo, a história, o tempo, as forças e a própria vida. A doença que sofre parece-lhe um enigma. A cura que deseja apresenta-se cada vez mais incerta. Ele, em certos momentos, perde o sentido da sua identidade pessoal: a vida que vive não lhe parece a sua. Os outros, os fortes, os saudáveis, visitam-no, procuram animá-lo, dar-lhe apoio, mas não experimentam o seu drama, estão de fora; a piedade que lhe manifestam não faz senão acentuar o seu pessimismo e a sua tristeza.

Também é verdade que muitos procuram desembaraçar-se dos dentes (como também dos idosos) e livrar-se de todas as preocupações. Os grandes hospitais são pródigos dos mais sofisticados meios médicos e cirúrgicos, mas quantos doentes, rodeados desta grande perfeição tecnológica, vivem uma atroz solidão, abandonados pela família e dos amigos? São cada vez mais frequentes os casos de famílias que se alheiam, quase completamente, daqueles que "depositaram" num hospital ou numa casa de saúde e que não os acompanham durante o internamento ou que, caso extremo, os não procuram nem o recebem, quando o tratamento chega ao fim.

São situações de total solidão, em que o médico por regra não penetra, porque a sua prestação não passa de uma relação puramente clínica; a proximidade da enfermeira (ou enfermeiro) poderá por vezes intui-las; será porém o sacerdote, se o souber merecer, a recolher a intimidade e a amizade do doente, a dar-lhe um apoio significativo, dizer-lhe uma palavra solidária e, sobretudo, dar-lhe a visão sobrenatural da fé, o

testemunho cristão que o ajude a passar do desânimo à fé, ou de uma fé superficial para uma fé mais profunda; a passar do desespero, da revolta, do escândalo para a aceitação do mistério da cruz.

Os diminuídos físicos ou psíquicos ficam marginalizados não só a causa das suas limitações pessoais, mas também pela organização da sociedade. É a mentalidade dominante, a antropologia da produção e do prazer que não lhes deixa lugar, tanto nas estruturas, como no coração dos homens.

A maioria dos cidadãos «normais» desconhece o grande esforço, a luta heroica que muitos diminuídos fazem todos os dias para se vestir, comer, dar alguns passos, realizar qualquer atividade. Para percebermos melhor, imaginamos o que seria circular na cidade onde moramos e resolver os nossos assuntos movendo-se numa cadeira de rodas ou com uma venda nos olhos.

Consideramos também as barreiras arquitetónicas das nossas cidades. Quase tudo está feito para os fortes e saudáveis. Para os diminuídos, subir a um comboio ou a outros meios de transporte é quase uma acrobacia; deslocar-se de autocarro ou de metropolitano em certas horas do dia é um esforço violento, que nem todos suportam; os cinemas, os teatros, as igrejas, as salas de reunião estão frequentemente precedidas de amplas escadarias; as portas, os ascensores, os interruptores são de uso difícil para os diminuídos. Vivem impedidos de participar diretamente na vida social dos demais.

Mas, não é este o principal obstáculo. As pessoas «normais» não desejam manter contactos com diminuídos, pensando que é o Estado que deve tomar conta deles. Mas, a assistência estatal, com a sua atuação fragmentária, não chega, de forma nenhuma, aos verdadeiros problemas dos diminuídos. Aperfeiçoa-se a logo-terapia, mas se ignora a personalidade do diminuído, os seus desânimos afetivos, numa palavra, o seu acolhimento como pessoa.

Hoje em dia não faltam homens políticos e até leis democraticamente aprovadas que pretendem inserir os diminuídos (mongoloides e espáticos) na escola normal. Mas consideram lícito suprimi-los durante a gestação, como se a sua existência não tivesse valor. Aqui reside a questão essencial, o problema decisivo. Como olhar para o diminuído, particularmente quando nele pouco ou nada parece haver de humano? Como evitar o risco de o excluir da vida social? De facto, com muita facilidade, os diminuídos são confiados no sistema assistencial

organizado, em vez de os receberem como pessoas, para os abraçarem como irmãos (83-87).

6. Solidão e velhice

A situação dos idosos reveste características próprias. Em primeiro lugar o aumento numérico, graças ao progresso da medicina, à melhoria das condições de trabalho e ao aumento geral do bem-estar. A diminuição da natalidade, por outro lado, acentua ainda mais o envelhecimento da população. A sociedade ocidental parece marcada pelo medo da vida e pela perda da esperança.

Os dados demográficos recentes registam o envelhecimento da população. Para o futuro é inevitável que este envelhecimento incida cada vez mais na realidade social e económica. A família actual é composta, geralmente, por poucos membros, concentrada nos aglomerados urbanos, isolada e instável, e até mesmo frequentemente desagregada. Nela se repercutem a mentalidade materialista e consumista, a indiferença recíproca, a perda do sentido do amor gratuito e do diálogo.

Neste contexto, não admira que os idosos sejam considerados um estorvo, tomados como incómodos, supérfluos e inúteis. Por isso encontramos situações inaceitáveis de marginalidade, fontes de atrozes sofrimentos e de empobrecimento espiritual.

Consideremos de mais perto alguns dos fatores que estão na origem deste movimento de marginalidade. O primeiro deles é a ideologia produtivista, unicamente polarizada na eficiência e no lucro, para a qual a acumulação de bens tem mais importância que a vivência dos homens. Os idosos encontram-se numa situação particularmente crítica, tanto porque não produzem, numa época em que a produção e a rentabilidade são o grande imperativo, como também porque não consomem, no momento em que triunfa a sociedade do consumo. Além disso, vivem quase sempre na dependência dos outros, quer fisicamente, devido a doença ou pelo inevitável declínio das forças, quer social ou economicamente, sobretudo nas classes de nível económico mais baixo. Ainda são muitos os países desprovidos de previdência social adequada para a velhice, pelo que inúmeros anciãos acabam por encontrar-se num estado de cruel indigência, com reformas irrisórias e totalmente privados de meios para reclamar os seus direitos e exigir justiça.

Esta mentalidade produtiva e consumista associa-se a uma mentalidade de grosseiro hedonismo, que procura o prazer a todo o preço e repele o que se assemelhe ao esforço ou sacrifício. Exalta-se de modo unilateral a juventude, a beleza, a força física, a comodidade e o bem-estar pessoal. Nesta perspectiva, os idosos são ainda relativamente apreciados, se tomarem conta dos netos, mas a experiência comprova que, cada vez menos, podem estar seguros de serem respeitados por estes, a partir de certa idade.

Normalmente os idosos causam «transtorno» aos planos de fim-de-semana e sobretudo para as férias de verão. Nesta altura os lares da terceira idade enchem-se, até os próprios hospitais registam uma extraordinária percentagem de internamentos. A convicção generalizada, embora nem sempre confessada, é que os velhos estão «a mais». É preciso que não incomodem, que sejam discretos, e até, se for possível, que não demorem muito tempo a morrer.

Mas, ainda antes da morte física, já acontece a «morte social», isto é, a inação forçada. Muitas pessoas que trabalharam na indústria ou em outros sectores, entrando na época da reforma, o sonho de tempo livre, tão desejado, transforma-se num pesadelo. Não têm nada para fazer, por isso são considerados inúteis. Também eles agora se consideram inúteis, devido à perda do anterior papel social. Interrompidos os laços com o antigo ambiente de trabalho, restringe-se também o círculo de amigos. Em seu lugar, cresce o sentimento de isolamento, não há outra alternativa.

Este sentimento de inutilidade torna-se ainda mais dramático com a privação da amizade e do verdadeiro afeto familiar. Multiplicam-se as «casas de repouso» ou «lares para a terceira idade» e diminui o número de famílias, onde convivem as três gerações, perdendo qualquer forma de relação recíproca. Independentemente das razões subjetivas, os «lares» institucionalizam a marginalidade, e simultaneamente desculpabilizam a sociedade.

Ninguém entra de bom grado num lar. A grande maioria só entra lá com grande sofrimento e quando não lhes resta nenhuma outra possibilidade. Em certos países subsistem ainda «esquálidos asilos», onde os idosos perdem qualquer dignidade. Hoje, é verdade, a maior parte dos lares estão equipados de todo o conforto, mas a impressão que se retira é sempre a mesma: «os velhos não querem lá ficar». O seu único desejo era ter uma família ou viver junto dela. Porque não há nada, nem o mais sincero afeto das pessoas que os venham a cuidar, que possa suprir à

terrível sensação de ser posto a um canto, à amarga convicção de ser considerado inútil para sempre, esquecido ou abandonado pelos seus, sem nada para esperar, senão a morte.

Esta terrível situação revela uma grave perda do sentido da dignidade do homem. Quando em nome do consumismo e da eficiência, se dividem os homens em ativos e inativos, considerando estes como cidadãos de segunda categoria e abandonando-os à solidão, que significado pode ter ainda a dignidade humana?

Quando as leis dos povos mais «evoluídos» acolhem e promovem o extermínio da vida no seio materno e quando as famílias excluem do seu seio as pessoas do seu próprio sangue, pela circunstância inelutável de terem atingido a velhice, ou meramente as suportam como um peso inútil, não restam dúvidas de que nos encontramos diante, não só do esquecimento de Deus, mas do ocultamento do homem a si próprio.

Não podemos, contudo, esquecer que em certas zonas, nomeadamente na África e no Oriente, a velhice continua a ser reconhecida como um valor. O idoso não é excluído pela família, nem é suportado com um peso inútil, antes continua inserido na vida familiar, tomando nela parte ativa e responsável, embora devendo respeitar a autonomia da nova família. Ele desenvolve a missão preciosa de testemunha do passado e de inspirador de sabedoria para os jovens e de esperança para o futuro.

Por outro lado, é necessário ter em conta que o aumento do número de idosos decorre, em grande parte, dos progressos da medicina e do desenvolvimento dos serviços assistenciais, o que representa um grande esforço que deve ser valorizado positivamente. O problema reside, porém, em ter procurado unicamente a longevidade física, sem paralelamente promover a humanidade nela implicada. Não basta prolongar, graças aos recursos da técnica e da ciência, o número de anos de vida sobre a terra. É preciso que essa vida mais longa seja também mais humana, o que já não depende da ciência nem da técnica, mas sim do sentido que se atribui à própria vida. O mesmo é dizer que o mistério do homem necessita ainda hoje, talvez mais do que nunca, de ser decifrado. Também o homem contemporâneo precisa de Alguém que lhe revele, em toda a sua verdade, em toda a sua exigência e grandeza, o sentido do seu mistério pessoal e da sua vocação filial e fraterna. (87-92)

7. Solidão dos refugiados e emigrantes

Particularmente difícil e até mesmo trágico é o estado de abandono, a solidão pessoal e coletiva dos refugiados e dos emigrantes. Os refugiados são todos aqueles que, devido às suas opiniões políticas, aos seus sentimentos religiosos, à sua etnia diferente, ou mesmo em consequência da ruína das guerras ou das revoluções, estão submetidos a tão grandes temores, pressões ou dificuldades de vida, a tais faltas de liberdade, ou mesmo a tais ameaças, que se veem praticamente constringidos ao exílio, longe da sua pátria, tendo de refugiar-se, por vezes com risco da própria vida, ou sujeitando-se a ficarem internados em campos, à espera de uma eventual pátria de adoção, onde por força devem retomar outro género de vida, desprovidos de todos os meios.

Desde sempre a história conheceu o problema dos refugiados. Mas hoje este mal tem-se agravado sensivelmente. É uma das pragas terríveis de que sofre o mundo actual, quase que os homens já não fossem capazes de reservar um lugar apto para os seus semelhantes. Estamos, com efeito, no século dos desalojados, que são hoje, em todo o mundo, cerca de 15 milhões ...

Seria interminável o elenco e a descrição de todas as situações particulares. Mas, é muito mais importante tentar penetrar na tragédia humana que devem suportar estas pessoas. Consideramos, por exemplo o que significa a separação brutal entre pessoas que se amam, que se pertencem, e só desejariam viver juntas (marido e mulher, pais e filhos). Na maioria dos casos, os núcleos familiares nunca voltarão a reconstituir-se. As circunstâncias da fuga ou as exigências dos locais de acolhimento conduzirão com frequência a um reagrupamento arbitrário, que acentua ainda mais a consciência da separação e da distância, crescendo a saudade pela terra que deixaram e a tremenda preocupação pelos seus familiares. A tudo isto devemos acrescentar as dificuldades de integração numa terra estrangeira, quase sempre indiferente, quando não hostil.

Algo de semelhante sucede também com os emigrantes, aqueles que deixam o país de origem para procurar melhores condições de vida e de trabalho num outro país. Emigrando, eles não só se afastam da comunidade nacional e cultural a que pertenciam, mas também, normalmente, dos seus familiares, do seu ambiente natural de amizade e relações sociais. Também aqui, além dos danos em sentido moral, quantas famílias dispersas, quantos casais separados, quantos filhos que vivem longos anos sem a companhia dos pais, quanta solidão, ora

revoltada, ora resignada, mas sempre percorrida por um vivo desejo do reencontro, que às vezes, só acontece demasiado tarde.

Qual será a meta deste inquieto peregrinar do homem sobre a terra, qual a casa em que a família humana poderá reconstituir-se, qual a pátria que finalmente acolherá os prófugos deste mundo, atingindo o sossego e a paz que tão ansiosamente desejaram? (92-94)

8. Solidão e regimes opressores

Não só sobre os indivíduos, mas também sobre povos e culturas. No mundo atual conhecemos muitas sociedades demograficamente reduzidas, interiormente divididas ou debilitadas, que correm o risco da extinção, por exemplo os índios da Baixa-Califórnia ou do Brasil. São sobejamente conhecidas as técnicas de destruição, que vão desde os massacres generalizados à reclusão em reservas, passando pela assimilação compulsiva e pela esterilização.

Noutros casos, a "solidão colectiva" manifesta-se em povos evoluídos, mas sujeitos também, por vezes durante séculos, ao domínio de uma potência superior. Trata-se da situação dramática de povos que tentam rebelar-se para reconstruir a sua identidade, mas recaem em seguida sob uma nova e mais grave sujeição, como um náufrago que, depois de cada tentativa para vir à superfície, se sentisse apanhado pela nuca e de novo impiedosamente submergido.

O confronto com o poder brutal de regimes opressores, tanto de ordem política, como militar ou económica, revela uma nova dimensão da solidão humana. Pensamos o que significa para um indivíduo, para um homem estar diante de uma estrutura onnipotente, em que nada mais conta senão a ideologia, o Estado, a Classe ou o Partido. Nos regimes totalitários, a única possibilidade é pensar como o regime, identificar-se docilmente com as suas directivas, ou então, não pensar, não agir, desaparecer - ou ser eliminado.

Que dizer dos milhões de homens que, num passado recente, experimentaram o peso intolerável de um campo de concentração? A dignidade e o mistério da pessoa não têm rigorosamente nenhum significado para aqueles que detêm todo o poder. A solidão radical é esvaziada de tudo o seu conteúdo e, em vez dela, unicamente resta a solidão brutal da perda aparente do sentido e da esperança. Eles experimentaram uma completa solidão. Olhando em redor, não seria impossível encontrar um apoio, um amigo, nos companheiros de

infortúnio e, por vezes até mesmo uma heroica solidariedade (Maximiliano Kolbe). Por outro lado, muitas vezes certamente se ergueram para Aquele "que tudo pode", mas aquela máquina infernal, quantas vezes não pareceu levar a melhor? Quantas vezes o que há de irreduzível no homem não pareceu fundir-se no nada, perder-se irremediavelmente entre as fauces do Monstro que se julgava invencível?

Ainda um outro exemplo, retirado da história mais recente. Depois da tomada de poder pelos kimers vermelhos, em Abril de 1975, todo o povo do Camboja foi objeto de uma deportação coletiva, que obrigou a população inteira a abandonar as suas casas, aldeias e cidades, segundo um plano pré-estabelecido. Imensas multidões de homens, mulheres e crianças, num desfile interminável, partiam sem meta e caminhavam dias a fio, lentamente, para um destino que não conheciam, deixando atrás de si povoações desertas, casas abandonadas, e tudo o que possuíam. Ao fim de dez dias de caminhada, os alimentos que tinham podido levar lá se haviam esgotado, e as bagagens estavam reduzidas ao mínimo. Completamente esgotado, despejado de tudo, perdida toda a esperança, o indivíduo já não é capaz de opor resistência. Está pronto a fazer o trabalho para o qual o destinam, para receber a escudela de arroz que lhe prometem em troca. Sob um cruel regime de terror, não poderá esboçar um gesto, nem dizer uma palavra que não seja segundo a linha imposta. Sem nada em que se possa apoiar, está necessariamente à disposição do partido, que fará dele o que entender, com a certeza de não encontrar resistência.

A pessoa não é mais do que uma peça ao serviço de uma organização impiedosa. Vive num medo atroz e sem possibilidade de fugir ao sistema, porque tudo, gradualmente se torna coletivo: o trabalho, a alimentação, os divertimentos, a educação, a política. É a morte do homem como indivíduo, o extermínio da pessoa, a anulação sistemática de toda a sua dignidade e direitos.

O coletivismo revela assim o seu verdadeiro rosto desumanizador. Com ele a solidão pessoal e social é tanto mais acentuada, quanto mais radical e destruidora. (94-98)

9. A solidão da morte

Todas as formas de solidão que considerámos até agora - solidão que não é procurada voluntariamente, mas apenas suportada ou imposta - vem agora juntar-se aquela que a todas compendia e concentra, a solidão da morte. Em face da morte o enigma da condição humana adensa-se. Com ela a solidão do homem aparece completa, definitiva, irrevogável. A morte apresenta-se como a vitória da solidão. Todos os laços contraídos até agora dissolvem-se. O caminho percorrido fica suspenso. Todas as solidariedades interrompem-se. Nesse instante o «eu» fica sozinho diante da morte, da «sua» própria morte, onde mais ninguém pode penetrar.

Apesar da evidência da morte, da sua onnipresença, a sociedade ocidental parece apostada em escondê-la, em esconder-se da morte, em despojá-la de toda a relevância e significado individual e social. Mas o único resultado é uma solidão ainda mais acentuada, mais cruel, mais indigna do homem.

Outrora, e durante muitos séculos, o doente era informado da proximidade da morte, e habitualmente ele próprio poderia pressenti-la, num tempo em que qualquer doença um pouco mais grave era quase sempre mortal. Nada era tão receado como a morte súbita, não só porque não permitia o arrependimento, mas também porque privava o homem da sua própria morte.

Em circunstâncias normais e quando o doente não se apercebia, outros o deveriam advertir: um familiar, um amigo mais íntimo ou mesmo médico. E, em proximidade da hora da morte, toda a família, incluindo as crianças, desfilavam no quarto do doente para lhe pedir perdão, para receber a sua bênção e para lhe dar o último adeus. O doente declarava as suas últimas vontades e tinha também a possibilidade para se confessar e receber a Unção dos enfermos e a Comunhão. A morte, com a sua impenetrável solidão, encontrava-o, por quanto possível, preparado, acompanhado, humana e espiritualmente confortado.

Hoje, pelo contrário, tudo se faz para que o doente não se aperceba da proximidade da sua morte, ou que, pelos menos, continue a proceder como se não o soubesse. Objetivo primordial: evitar o dramatismo, reduzir as emoções, encarar a morte como um banal acidente, um momento sem consequências. Um aceitável estilo de ausentar-se; uma maneira conveniente de terminar a vida, afastar-se com discrição, sem incomodar demasiado. Se for diferente, a morte introduziria na

normalidade quotidiana, um insuportável embaraço, porque a morte, hoje em dia, é uma grande tabu, e seria feio e desagradável falar em público. Levantaria perguntas às quais o homem contemporâneo, desinibido, liberto e evoluído, não quer nem saberia responder.

Com o urbanismo e o desenvolvimento da medicina, a morte tende a transferir-se de casa para o hospital. Aumenta o número dos que morrem sozinhos, quase às escondidas, no hospital, na casa de saúde, no asilo, diante de um pessoal médico anónimo, tecnicamente interessado, mas humanamente indiferente. São muitos também os que morrem sozinhos em suas próprias casas. Num país como a França 10% dos adultos ignoram se os pais estão vivos. Nas grandes cidades, muitas pessoas encaram a morte sozinhas, sem ninguém que mostre um mínimo interesse para eles, nem aqueles que vivem no seu lado, no mesmo prédio.

Mas esta solidão não faz parte da morte. Foi acrescentada pelo homem, à medida que este foi perdendo o sentido da morte e, em consequência, o sentido da vida. O esquecimento do sentido da morte arrastou consigo também o esvaziamento da vida e a sua desumanização.

A solidão própria da morte é de outra ordem, é muito mais profunda, supera em muito os planos biológico, sociológicos e psicológicos. Subsistirá em todos os homens, mesmo naqueles que terminem os seus dias envolvidos pelo carinho e pelo afeto dos seus familiares e amigos, ou pela caridade sobrenatural dos seus irmãos na fé. Nada há neste mundo que a possa colmatar. Uma vez que só Jesus Cristo lhe poderá dar sentido.

A morte separa dos outros, corta toda a forma de diálogo, rompe qualquer ligação afetiva. Ela deixa o sentimento numa ausência que poderá ser esquecida, mas nunca preenchida. A primeira experiência da solidão da morte é, portanto, «a minha solidão» diante da morte do outro, que morre sempre antes de mim e diante de mim. O outro que eu amava, que já não está aqui, afastou-se de mim, não fala, não responde, desapareceu para sempre, eu fico sozinho. É uma experiência estranha, desconcertante, humanamente intolerável, que me toca no mais profundo de mim mesmo.

Por outro lado, com a morte do outro, antecipo também, de algum modo, a «minha» própria morte, porque com ele morre uma parte de mim. Não voltarei jamais a ser o mesmo. A comunhão que nos ligava pertencia à minha existência. Não obstante, há algo em mim que morreu

com a sua morte, não morri a sua morte. A morte do outro é uma experiência absolutamente impenetrável, porque cada homem morre sozinho, sem intermediários, nem companheiros de viagem, porventura assistido, mas nunca substituído.

Ninguém poderá tomar o seu lugar, viver a sua vida ou morrer a sua morte. Os vivos podem-no acompanhar até ao último respiro e ele pode sentir-se acompanhado por eles. A comunhão dos santos, misteriosamente, nos une e acompanha pela fé em Cristo. Mas cada um «sozinho» atravessará a porta estreita da morte.

No seu indecifrável mistério, a morte do outro ensina, portanto, o que será a «minha» própria morte. Cada homem fica só diante dela. Estará só no momento da verdade, na presença de Deus, sem vestimentas nem fardes, na mais completa nudez e solidão. Passar pela morte é passar pela absoluta solidão, romper com o mundo inteiro. A morte é rutura do ser. Ela interrompe todos os laços e qualquer contacto com os outros, é o isolamento completo.

O que resta a perguntar é se a solidão da morte é definitiva e eterna. Se for assim, já não seria solidão, mas aniquilamento total. Se, pelo contrário, há vida eterna, então a morte é uma passagem para uma nova forma de comunhão que ultrapassa infinitamente os limites deste mundo. É esta a pergunta decisiva, crucial, da qual depende inteiramente sentido da vida. Porque a vida tem o sentido que damos à morte.

Se a morte é entrada para uma nova vida, o homem pode esperar e aspirar por essa vida. Pelo contrário, que sentido pode ter a vida, se esta inevitavelmente deve terminar pelo naufrágio completo das suas aspirações e projetos? Se a morte não tem sentido, também a vida não tem sentido. O que importa saber, mais do que tudo, é se a morte é uma solidão que se encerra em si mesma, na destruição definitiva do ser, ou se, pelo contrário, dá acesso a um novo estado de vida que jamais na terra seria possível alcançar. A morte será o fim de toda a comunhão, ou é uma passagem para uma nova e mais perfeita comunhão?

* Conclusão

Acabamos de considerar diversas modalidades de solidão suportada ou imposta. O quadro descrito contempla as situações mais características da nossa existência, até a solidão impenetrável da morte. Tanta solidão confluirá no desespero ou na esperança?

Não é este ainda o momento da resposta, mas já é possível discernir alguns sinais de luz neste céu carregado de trevas. Há sinais de esperança, que não mencionamos diretamente, mas que o olhar atento pode adivinhar. Os doentes, os idosos, os diminuídos são frequentemente postos de parte, mas não lhes falta quem lhes dedique, com grande generosidade, sem olhar a esforços, gratuitamente, o seu tempo e carinho. No despotismo violento e opressor que humilha a dignidade essencial da pessoa, podemos encontrar pessoas que solidários, não recusaram o dom da própria vida pelo amigo (como fez Maximiliano Kolbe). E a morte, essa solidão impenetrável, em que todos os vínculos se interrompem, deixa espaço a uma Presença que enche de paz e de esperança.

Estes sinais a que brevemente acenamos, garantem-nos que a resposta existe, e tem poder para vencer até a mais espessa solidão. A menos que o próprio homem a recuse, e se feche na negação e na rutura. (98-102)